

alimentação na infância podem aumentar esse desarranjo, como por exemplo, consumo escasso de alimentos fontes de ferro. **Objetivo:** Analisar as frequências de internação por anemia ferropriva entre crianças nordestinas e sua distribuição segundo variáveis demográficas e territoriais entre 2014 e 2023. **Material e métodos:** Trata-se de um estudo ecológico e descritivo. Foram utilizados dados do Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). Informações de crianças (0-14 anos) internados devido anemia por deficiência de ferro entre 2014 e 2023. Essa variável principal foi categorizada segundo sexo, faixa de idade, cor/raça, unidade da federação e região geográfica de moradia. Todos os dados foram coletados utilizando o TABNET. **Resultados:** Analisou-se 3062 internações por anemia ferropriva no Nordeste. Dentre os estados, Bahia (694) e Pernambuco (662) foram os que tiveram mais casos. As faixas etárias com mais internações foram a de menor de 1 ano, com 1009 casos (32,95%), e a de entre 1 a 4 anos, com 1004 casos (32,79%). Em relação à raça, a mais acometida foi a parda, com 1787 internações (58,36%), seguida da categoria sem informação (997). O sexo com mais internações foi o masculino com 1613 casos (52,68%). **Discussão:** A anemia ferropriva é a responsável pela maior parte das anemias encontradas e está associada a mais de 60% dos casos de anemia no mundo. Esta patologia afeta o crescimento e o desenvolvimento da criança, que são pilares da saúde infantil, como: o desenvolvimento de habilidades de linguagem, comportamentais e capacidades motoras. Ainda, propicia a cáries dentárias, alterações no sistema imunológico, paladar e apetite. Logo, é possível perceber o motivo do predomínio de casos de anemia ferropriva ser em menores de 1 ano, por ser uma parcela que está propensa a ter um consumo maior que a ingestão de ferro, associado com a raça parda que é uma das raças com menos acesso à saúde, sendo passíveis a falta de informação adequada quanto a alimentação infantil, elencado com o sexo masculino que desde a infância é negligenciado quanto aos cuidados na saúde. **Conclusão:** O estudo evidenciou que a frequência de internações por anemia ferropriva é maior na faixa etária de risco, na raça parda e nos meninos. Mesmo com as medidas de prevenção, notou-se um número expressivo de casos que precisaram de internação durante o período analisado. Logo, deve-se reforçar tanto para as equipes de saúde, quanto para a população, o uso profilático de sulfato ferroso na primeira infância.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1696>

DESAFIOS NO DIAGNÓSTICO E ACOMPANHAMENTO DA TELANGIECTASIA HEMORRÁGICA HEREDITÁRIA EM UMA CIDADE DO INTERIOR

MNCS Almeida, DF Siqueira, ACL Barros,
SA Gandra, NLR Corrêa, OAL Alves, LA Neiva,
WM Andrade, LGF Dias, JMC Roque

AFYA Faculdade de Ciências Médicas, Ipatinga, MG,
Brasil

Introdução e objetivo: A telangiectasia hemorrágica hereditária (THH) ou síndrome de Rendu-Osler-Weber é uma doença

rara de herança autossômica dominante, que afeta a formação dos vasos sanguíneos, levando a sangramentos no sistema nervoso central, gastrointestinal e respiratório. Neste relato, descrevemos o caso de uma mulher com anemia ferropriva refratária ao tratamento convencional e os desafios no diagnóstico dessa doença hematológica em uma cidade de pequeno porte. **Materiais e métodos:** Foram coletadas informações por meio de entrevista, registros de prontuário médico, exames laboratoriais e fotografias de características clínicas. Os dados foram interpretados com base na literatura científica por meio de revisão narrativa. O trabalho foi realizado respeitando os princípios éticos de pesquisa. **Resultados:** Mulher, 59 anos, moradora de cidade de pequeno porte do leste de Minas Gerais, com anemia ferropriva crônica foi encaminhada pela atenção básica para avaliação com hematologista no ambulatório da faculdade de Medicina em cidade vizinha. Encontrava-se desesperançada com seu quadro clínico com histórico de internações hospitalares frequentes para melhora de epistaxes não traumáticas de repetição e estabilização da hemoglobina, com recebimento de transfusões sanguíneas e suplementação de ferro. Informa que há 20 anos iniciaram as telangiectasias em mãos, pés, lábios e língua. No histórico familiar há casos semelhantes. Foram apresentados exames laboratoriais recentes solicitados pela atenção primária com investigação inconclusiva que indicaram anemia e deficiências de ferro e vitamina B12. Não refere outros sangramentos externos. Paciente foi orientada por critérios clínicos sobre o diagnóstico de THH. Iniciou-se reposição de vitamina B12 e de ferro venoso conforme cálculo de déficit de ferro, foi encaminhada para avaliação da otorrinolaringologia no mesmo ambulatório da faculdade. Solicitou-se endoscopia digestiva alta para investigação de sangramento e teste genético. **Discussão:** A paciente apresentava os sintomas comuns da THH, como a epistaxe recorrente e telangiectasias mucocutâneas, além de parentes de primeiro grau possivelmente acometidos pela doença. Dessa forma, foi classificada conforme os critérios de Curaçao como THH possível ou suspeita. Em situações em que familiares apresentam a doença, mas não preenchem os critérios clínicos, os testes genéticos são indicados para especificar a mutação pertencente àquela família portadora da síndrome. Por conta de sua expressão fenotípica mais aflorada com o avançar da idade, a THH apresenta o risco de causar sangramentos graves, como no caso do pai da paciente, que faleceu por hemorragia gastrointestinal. O tratamento dos sangramentos pode envolver abordagens endoscópicas, hormonais, imunomoduladoras e antiangiogênicas. A anemia ferropriva crônica requer reposição de ferro e, em alguns casos, hemotransfusões. **Conclusão:** A THH é uma doença rara, subdiagnosticada, que apresenta riscos de hemorragias graves. O diagnóstico precoce é essencial para evitar complicações secundárias. A parceria entre instituições de ensino superior e o poder público pode aprimorar o acesso a cuidados especializados e avançar no tratamento da THH, beneficiando populações em regiões com recursos limitados. A troca de conhecimentos e ações integradas podem contribuir para o avanço da hematologia clínica e a prevenção de complicações em pacientes com THH.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1697>